
COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

CELESTINO VAZ TOMÁS

In a World that needs some stability in its, the Didactic Communication is seen as a way of transition between the less development world and the global

Today the concept of globalisation tends not to mean equality in its development or equal distribution of wealth harmony its nations; it comes to mean a lexical harmony rather than co-operation between the nations of North (rich) and south (poor).

INTRODUÇÃO

Objectivo. O trabalho pretende ser um ensaio investigativo sobre a Comunicação Didáctica. Trata-se de um ensaio que não pretende esgotar o tema neste trabalho, visto que a Comunicação Didáctica é um modelo de comunicação do tipo pedagógico, vasto e complexo, praticado na maioria dos países em desenvolvimento, particularmente nos países saídos dos sistemas coloniais Ocidentais.

Entenda-se Comunicação Didáctica como o sistema educativo, sistema de mudança de mentalidades face a nova realidade mundial, através dos meios de comunicação social com vista a elevar o nível de conhecimento das populações com índices bastantes elevados de analfabetismo. São países que uma vez alcançadas as independências foram ofuscadas pelo radiar de um novo mundo: um mundo com regras avançadas de concorrências, com sociedades regradas de leis e com um nível de desenvolvimento imparável.

Saídos de um sistema de vida genesiáco, onde a lei da coesão social era apenas o senso comum. E hoje defrontados com uma sociedade modernizada e dinâmica como orgulhosamente Fernando Pessoa a canta em *Ode Triunfal*, os países em desenvolvimento viram-se obrigados pelas forças circunstanciais a realizarem um processo de transição de modo a entrar na nova ordem mundial com uma dinâmica orientada pela agressividade de sobrevivência, acumulação de capitais e consumo.

O processo transitório somente pode ser realizado pelas modernas tecnologias de comunicação e com profissionais didácticos, que agem em

COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

conformidade com o guião de desenvolvimento traçado pelos governos e pela boa moral social, mas a transição acarreta a modificação brusca do modo de vida dos povos para assumir novos sistemas políticos, económicos e sociais extrapolados das sociedades avançadas. Não será um "banho Maria"?, mas é esta forma de comunicação que apostei estudar neste trabalho.

150

Metodologia. O trabalho procurará fazer um enfoque ilustrativo do desempenho da comunicação na mudança social e económica. Todavia, o estudo apenas seguirá o fio de liame do jornalismo do tipo didáctico sem fazermos a questão de descer aos outros tipos de jornalismo como por exemplo os jornalismo de carácter político e de marketing.

Contudo, o trabalho é uma amalgamação dos pensamentos expressos por alguns autores exímios na reflexão sobre a comunicação e mudança, pensamentos estes contextualizados no espaço concreto: países em desenvolvimento.

É um debate de ideias que visa encontrar a reflexão mais óbvia que corresponde fielmente ao modelo de comunicação praticado em países em desenvolvimento. Nas considerações finais estão patentes algumas reflexões minhas sobre o debate ora referido, que é uma espécie do caldo produzido pelos autores que entraram na arena para digladiarem o primado no debate aqui colocado.

COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

RESENHA HISTÓRICA DA LIBERDADE DA EXPRESSÃO

Partindo da análise feita por Alexis de Tocquville, o maior sociólogo do século passado, que reflectiu sobre o papel da comunicação social, ele concluiu que a comunicação foi o maior responsável da "violência dos excessos cometidos pelo povo francês" (Da Silva, 1990:91). Foi a partir desta premissa que decidi tecer o estudo em volta da Comunicação Didáctica. Porém, o estudo, antes, apelou-me a remontar a história da liberdade de expressão desde os primórdios até à consolidação da liberdade de expressão e do pensamento e a subsequente adopção desta liberdade nos regimes constitucionais.

A liberdade de expressão é um invólucro que contém outras liberdades como por exemplo a liberdade de consciência e de divulgação. Estes Direitos fundamentais do homem já vinham consagrado implicitamente na constituição da revolução francesa e na Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. Numa análise histórica pode-se concluir que foi a partir desta altura que se lançou o primeiro germen da liberdade de

expressão, que já estava incorporado num dos direitos fundamentais do homem: a LIBERDADE.

Pois a Declaração da Independência dos Estados Unidos, de 1776 realçava o conceito de liberdade: " Todos os homem são iguais e possuem direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à bênção do bem estar ".

Enquanto na Constituição francesas era clara a ideia de liberdade, pois a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão , de 26 de Agosto de 1789, proclamava a "liberdade do indivíduo e das convicções (...) desde que essas convicções não infrinjam a ordem social" (Efimov, s/ano: 46).

No entanto, cada vez que o mundo ia instaurando regimes constitucionais, pouco a pouco, do conceito da LIBERDADE foram-se derivando outras liberdades fundamentais do homem, incluindo a liberdade de imprensa como nos é testemunhado na antiga Constituição dos Estados Unidos da América, que inseriu no capítulo consagrado à Declaração dos Direitos e Garantias, divulgada no primeiro aditamento:

"o Congresso não poderá legislar no sentido de estabelecer uma religião ou de proibir o livre exercício do culto ou de restringir a liberdade de expressão ou da imprensa, ou o direito do povo se reunir pacificamente e apresentar petições ao governo para a reparação de injustiças..." (Rogeiro, 1993: 58).
O sublinhado é meu.

A consolidação da liberdade de expressão, primeiramente foi dada pela Declaração Universal dos Direitos do Homem , através da comissão dos direitos do Homem da ONU. Ao longo do tempo foram criadas, em vários cantos do mundo, organizações sectoriais de defesa dos Direitos do Homem. Foi neste âmbito que na área de informação criaram-se grandes associações internacionais de defesa de liberdade de expressão como por exemplo: Federação Internacional de Jornalistas, com sede em Bruxelas, Organização Internacional de Jornalistas, com sede em Praga e outras (Veiga, 1992: 257).

É Assim que ao longo da história política vários países incorporaram o conceito de liberdade de expressão nas suas constituições, porém esta liberdade, segundo (Veigas, 1992: 257) era entendida conforme os variados gostos dos regimes políticos que vigoravam em cada país, logo podemos entender que a liberdade de expressão e do pensamento era relativa. Por conseguinte, salta-nos à vista que a liberdade de expressão e de pensamento tem sentidos diferentes quer em africa, Europa, América quer na Ásia.

Conforme a análise feita nos parágrafos acima , sobre os países precursores da liberdade de imprensa, as recentes cifras indicam que 60% da imprensa está radicada em Estados Unidos da América.(Murciano, 1992: 121), mas também existem outras zonas de concentração dos multinacionais da informação como Inglaterra, Japão, República Federal Alemã e França, por outro lado, existem países que se situam num nível intermédio como por exemplo a Holanda, Canada, Suécia e Itália.

Quando se refere à indústria de informação não se restringe apenas a comunicação social que recolhe e difunde as notícias, mas também abarca as indústrias que se dedicam à produção de aparelhos electrónicos, sondagens do mercado, publicidade etc.

CARACTERÍSTICAS DA COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

De acordo com David Berlo em *O processo de Comunicação*, ressalta a ideia da comunicação como o factor produtor de sistemas sociais. Sustenta que, por exemplo, os membros de uma comunidade relacionam-se entre eles, ora, a uniformidade de comportamento e da " interdependência dos objectivos "constituem os elementos fortes resultantes da comunicação entre os membros da comunidade. Assim, cada membro da comunidade procura empenhar-se no sentido de alcançar os objectivos: cria as estruturas, normas de conduta e outros elementos de coesão que vão corporizar o sistema social. (Berlo, 1991.145).

Numa etapa mais avançada, os autores Lerner e Schramm, comentados na obra *Comunicação e Mudança nos Países em Desenvolvimento* falando do modelo contemporâneo de sistemas sociais afirmam que as instituições estão a lutar para uma maior coerência e eficiência , mas quando se fala do desenvolvimento social a questão assume uma dimensão nacional, embora cada sector da vida social actue isoladamente, mas todos trabalham para atingir o único objectivo que é o desenvolvimento global da nação. (AA.VV, 1973 : 53)

Segundo Harold Lasswell, cada sociedade tem necessidade de investigar seu meio ambiente para obter consenso sobre decisões importantes e socializar os seus membros . Para atender esses propósitos ela forma observadores , repórteres, professores e desenvolve sistemas de decisões e de liderança.

Uma necessidade de comunicação entre os membros, criação de hierarquias para normatizar a sociedade e institucionalizar os profissionais da comunicação, este já é o embrião para uma comunicação social, sem adiantar em dizer que estamos a caminhar para uma Comunicação Didáctica.

✓
90

Citando Lasswell, o autor da obra *Temas Filosóficos da Comunicação* (Da Silva, 1990: 93) reconhece que a comunicação social desempenha o papel preponderante na mudança social, sobretudo " na interpretação dos factos e a prescrição dos comportamentos , na transmissão da cultura e proporcionar entretenimento.." Os mais críticos da comunicação , o autor considera que são pessoas que não reconhecem os aspectos positivos produzidos pela comunicação social .

É a partir desta dissertação que podemos perceber que a comunicação social é uma máquina bastante complexa e para entendê-la é preciso fragmentá-la de seguinte modo: área de marketing e publicidade, comunicação empresarial e Comunicação Didáctica., mas agora interessa-me desenvolver a última forma de comunicação que os outros autores a chamam do "Jornalismo de desenvolvimento"

Quanto à comunicação social, o nosso autor reconhece que nos países em desenvolvimento tem objectivo de " integração de vasta e diversíssimas camadas da população no todo harmónico e orgânico..."

Fazendo uma leitura mais perscrutada sobre o argumento do autor, quanto à comunicação nos países em desenvolvimento leva-nos a tirar uma ilação claramente lógica: trata-se da Comunicação Didáctica. Primeiro, porque os países em desenvolvimento não possuem uma forte sociedade de consumo e concorrência para exigir uma comunicação na área de marketing e publicidade, segundo nos países em desenvolvimento não existem empresas de grande porte para exigirem um comunicação empresarial, pois isto só pode constituir um apêndice que vai aumentar mais a burocracia empresarial, terceiro, ocorre nestes países o período de transição de modelos tradicionais de governação para sistema político democrático, enfim, uma transformação de todos os sistemas arcaicos para os sistemas mais globalizados. Entretanto, a transição apela à necessidade de desenvolver uma comunicação do tipo pedagógico, logo esta forma da comunicação eu a designaria de Comunicação Didáctica.

Assim, quando falamos da Comunicação Didáctica, logo invocamos àqueles profissionais-pedagogos da comunicação social que trabalham para a educação cívica, moral, em geral, que procuram persuadir a população no sentido de ter uma consciência evolucionista da sociedade, da economia e dos sistemas de governação como nos apresentam os seguintes países:

Tanzânia - com o processo de africanização do poder político, isto é , com a independência do país, Tanzânia empenhou-se em educar à população sobre o novo modelo político, sobre os direitos cívicos dos cidadãos. Desta maneira adoptou a estratégia de utilizar os modelos tradicionais de

comunicação nas campanhas políticas como por exemplo o uso do píforo, tambores e dançarinos.

Índia - as rádios desenvolveram campanhas sobre a maneira fácil de desenvolver galinhas que propiciam a oportunidade de ganhar dinheiro.

154

Itália - há uma dada altura a Itália utilizou uma comunicação dedicada para diminuir a alta percentagem de analfabetismo, isto é, o governo voltou a pôr o ensino de adultos em províncias meridionais. Inventou-se a " *telescuola* " ou escola pela televisão. Assim foram elaborados grandes partes de programas pela televisão em que os adultos eram convidados a inscrever-se no curso.

Esta forma de comunicação era muito eficiente , pois apresentava professores especializados a ministrarem aulas a um grupo de alunos num estúdio. Havia em cada programa um intervalo cómico que quebrava a monotonia. Os materiais impressos contendo exercícios foram introduzidos na Televisão e o curso teve um grandê sucesso. (AA.VV,1973: 29-30).

Esta iniciativa começou em Canadá em 1930, assumida e divulgada pela UNESCO em 1960 e acabou por ser experimentada por vários países. Contudo, é legítimo perguntar se o Comunicação Didáctica, hoje muito comumente realizada nos países em desenvolvimento, será que teve a sua origem no Canadá ? de resto não existe nenhuma documentação que pode sustentar este argumento, mas na verdade a Comunicação Didáctica surge como consequência do atraso no desenvolvimento económico e social.

A RAZÃO DA COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

As dívidas históricas deixadas pelos colonizadores ocidentais só podem ser amortizadas por meio de uma política de cooperação entre o Norte (rico) e o Sul (pobre), concretamente por meio de ajudas ao desenvolvimento em vários sectores da vida social, que durante vários anos da colonização foram ignorados pelas potências colonizadoras. Hoje estes atrasos reflectem-se no índice elevado de analfabetos, no desenvolvimento industrial débil, na falta de unidades de saúde e na falta do conceito de unidade nacional, salvo uma unidade nacional momentânea havida no período das euforias das revoluções, nesta altura a unidade nacional foi muito exaltada pelos líderes nacionalistas porque o inimigo externo era comum, mas depois das independências acentuaram -se as divergências regionais, étnicas e religiosas, situações que tinham muitas repercussões na vida política e económica das nações já independentes.

Como nos narra a obra de Frei Bartolomeu de Las Casas, acrescida e anotada por Isacio Pérez Fernandez, conta nos que "os mestres" dos descobrimentos em vez de defenderem o evangelho e à edificação dos outros homens, muitos destes invadiram os reinos dos povos indígenas, conquistaram, mataram, escravizaram e tiraram dos povos indígenas e sem considerarem que são homens e têm almas racionais" (Fernandez, 1996: 247-248).

Mais adiante um outro autor que fez o estudo sobre o processo de descolonização, ele concluiu que a descolonização não se realizou conforme a Carta das Nações Unidas, de Dezembro de 1960, a qual preconizava a concessão de independência aos países africanos, mesmo à falta de preparação nos domínios políticos, económico ou do ensino poderia ser tomada como razão suficiente para atrasar a concessão da Independência (Guerra, 1996 : 14-15). Esta mesma reflexão pode tornar extensiva a outras nações que não sejam africanas.

Hoje, Africa independente bem como outras nações em desenvolvimento enfrentam as surpresas da nova ordem política, económica e social exaltadamente mundializado pelas nações mais desenvolvidas, embora ultimamente os politólogos tentam inventar a " Terceira Via " que não é o socialismo nem o capitalismo, mesmo assim esta situação deixa as nações jovens sem fôlego suficiente para entrar nesta dinâmica mundializada, situação que poderia ser evitada se realmente a colonização fosse um encontro de culturas e das civilizações. Explicitamente o encontro de cultura não pode ser entendido como uma inter penetração folclórica, linguística, hábitos e costumes, porém transcende estes elementos. Porém, o encontro de culturas implica educação, a transmissão de tecnologias e tolerância, justiça social partilha de riquezas e solidariedade, mas isto tudo, muitas vezes, foi negada pelos colonos.

Hoje, mais do que nunca, as jovens nações africanas, por exemplo, concorrem com as suas deficiências políticas e económicas para a modernização, sem nenhuma história de transição. Com o termo transição quero fazer entender, por exemplo, uma história de transição de uma economia política tradicional para uma nova ordem política e económica globalizada, uma preparação prévia para entrar na nova dinâmica mundial, etc.

Para suprir a lacuna, a Comunicação Didáctica surge como um meio rápido de transição, elemento da unidade nacional, meio de educação cívica e moral e meio de recurso de conhecimentos, mas ela de modo nenhum pode substituir o papel do professor, do técnico, do educador infantil ou alfabetizador, entretanto, ela visa essencialmente encorajar os mestres do conhecimentos e os aprendizes.

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA NO DESENVOLVIMENTO

Numa sociedade em desenvolvimento é comum haver elites com forças modernizadoras e outra mais tradicional e conservadora. O primeiro grupo faz o esforço de mudanças sociais e de mentalidades, enquanto o grupo dos conservadores é conotado com os que invocam à tradição, cultura e identidade.

156

A Comunicação Didáctica surge para conciliar estas duas posições dicotómicas, pois, muitos dos projectos de desenvolvimento económico e social fracassam na execução quando não enquadram o povo. Vejamos que a comunicação para o desenvolvimento está a atingir grandes méritos nos países em desenvolvimento por ser o factor chave no processo de desenvolvimento, sobretudo no incentivo à atitude de modernização.

Para uma eficiente mobilização da massa para acatar os projectos de desenvolvimento, os profissionais da Comunicação Didáctica devem aparelhar-se de conhecimento sobre os hábitos culturais do povo sobre o qual pretende actuar e depois devem criar mecanismos de adaptar a tal comunicação à cultura do povo.

Como nos ilustram os autores da obra "*Comunicação e Mudanças nos Países em Desenvolvimento*", citando Redfiel e Warner na obra que escreveram sobre o cultivo agrícola em Iucatão, um região que tornou difícil de localizá-la no mapa, eles exemplificaram de seguinte modo a linguagem do enquadramento cultural do povo nos projectos de desenvolvimento: "*A agricultura não é simplesmente um meio de obter alimentos, também é um modo de adorar os deuses: antes do homem começar a plantar constrói nos campos um altar e aí reza. Ele não deve falar asperadamente no milharal, pois ele é uma espécie de templo. O milharal é plantado como se fosse uma espécie de acontecimento inerente ao perpétuo contrato sagrado estabelecido entre seres sobrenaturais e o homem*"

Esta estratégia de incentivo ao trabalho agrícola e mudança de mentalidade, certamente pode encontrar apoio do povo, mas se os costumes dos povos forem sujeitos a uma mudança brusca, à críticas e outras formas de tentar aboli-los, por se acharem antiquados ou por não coadunarem com as novas exigências da ciência pode acarretar a uma desobediência passiva ou mesmo a uma reacção violenta. As razões que podem justificar as reacções violentas prendem-se com o costume e tradição milenar dos povos, nas quais o povo sente-se identificado.

Assim, para a modificação dos costumes milenares do povo deve partir-se de princípios muito simples: uma actuação directa sobre os modificadores da cultura ou as pessoas com poder de decidir a mudança (AAVV, 1973: 34-42).

A partir desta afirmação podemos entender que em qualquer sociedade de um país em via de desenvolvimento, onde ainda prevalece a tradição, lá existem os líderes conservadores da tradição como, por exemplo, os chefes das aldeias, líderes religiosos, as mães e outras forças sociais. Para isso, em primeiro lugar os comunicadores didáticos devem actuar nestes porque constituem as autoridade moral, política e religiosa.

A linguagem transmitida deve ser no tom de discursos narrativos. Mais adiante o autor observou a situação da comunicação moderna que já deu uma grande transição: da comunicação tradicional para uma comunicação participativa. A actual forma de comunicação valoriza os direitos dos indivíduos através de opiniões e ideias inovadoras, coisa que não acontecia na comunicação tradicional onde a opinião do chefe era um axioma.

PROBLEMAS DA COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA

O primeiro problema dos órgãos de Comunicação Didáctica nos países em desenvolvimento é a sua situação vulnerável de estar dependente do governo. Muitas vezes os órgãos governamentais usam-nos para divulgarem os seus interesses e eles são forçados a agir em função do governo por ser a autoridade máxima nas decisões, por isso as mudanças políticas, muitas vezes, alteram o processo de desenvolvimento por se acharem no primado das decisões.

Segundo, os órgãos da Comunicação Didáctica, isto equivale dizer que a rádio, televisão e jornais podem correr o perigo de estarem sob o controlo de uma elite: accionistas, patrocinadores ou grupos económicos que utilizam os media como o meio de projecção social. Desta maneira a Comunicação Didáctica pode se ver obstruída pelos interesses particulares e monopolistas, enfim obstruída por uma concorrência desleal. Portanto, com os interesses acima referidos os países em desenvolvimento ficam com uma imagem menos clara do modernismo que empenham atingir.

COMUNICAÇÃO E MUDANÇA

De acordo com o artigo de S.C.Dube, professor de Antropologia na Universidade de Saugar, na Índia, conta-nos a experiência da Índia, no âmbito da comunicação para o desenvolvimento. A situação da Índia no período do reinado da coroa inglesa era constituída por uma administração geral que preservava a lei e a ordem, por outro lado havia funcionários secundários que viviam como segmento sub cultural.

Com a independência da Índia, a simples actividade conservadora da lei e ordem mudou para o desenvolvimento planificado, como em muitos países que seguiram o regime socialista. O desenvolvimento planificado, aqui

referido, não pode ser conotado como a centralização política e económica do tipo marxista - leninista. Entretanto, a referida mudança implica também a mudança dos comportamentos face aos novos ventos da história:

Primeiro, os serviços administrativos, em vez de serem guardiãs da lei e da ordem. Criaram um elo de ligação entre o governo e as comunidades de base, sobretudo colhendo informações sobre o estado da lei e ordem, sobre a situação da fome, epidemias etc. Para tal foi necessário desenvolver uma comunicação eficiente entre os vários estratos sociais:

- 158** -Comunicação entre o sector político e a burocracia;
- Comunicação entre o planeador e o tomador das decisões políticas;
 - comunicação entre o planeador e as unidades de produção;
 - Comunicação entre os diferentes departamentos e agências do governo;
 - Comunicação entre diferentes níveis de administração;
 - Comunicação entre administrador e o técnico;
 - Comunicação entre o modernizador e o povo;
 - Comunicação entre os países que ajudavam e os países ajudados; ...

O exemplo da Índia é bastante interessante, pois tratou-se de desenvolver uma comunicação participativa, entre todas as esferas da sociedade. Todavia, numa leitura actual da Índia podemos ver que este país tem por um lado uma luxuosidade extrema e por outro lado uma pobreza extrema dois factos a contrastarem a olhos vistos. O mesmo caso é extensivo para o Brasil onde a situação é idêntica.

Um dos erros da Comunicação Didáctica é incentivar mais a população a fazer crescer a economia dum país, sem que ela tenha reflexo no desenvolvimento social, o que significa que existe uma péssima perequação das riquezas, factor que resulta na acumulação das riquezas para uma minoria e infortúnio para os outros ou ainda podemos levantar a hipótese de que a Comunicação Didáctica não insistiu muito na coesão nacional e as regiões menos comunicadas foram marginalizadas pelas prioridades dos governos.

COMUNICAÇÃO DIDÁCTICA E OS MODELOS DE DESENVOLVIMENTOS

Os modelos de desenvolvimento são traçados pelos governos nos poderes. Por exemplo na maioria dos países seguidores do regime marxista-leninista regiam-se por modelos de desenvolvimento do tipo centralista, isto é, era o governo que controlava a economia do país, contrariamente o modelo capitalista é mais liberal e reserva-se às iniciativas privadas e muita liberdade de actuação económica. Todavia, nos dois sistemas políticos os comunicadores didácticos devem estar ligados aos planos de desenvolvimento traçados pelo governo.

Muitos países que não conheceram um processo de transição económica para a nova ordem política e económica, sobretudo os países em via de desenvolvimento, as suas histórias nunca conheceram uma burguesia tão forte como a da revolução industrial. A nova burguesia lá existente surgiu como uma "geração espontânea". Estes países, por forças circunstanciais, foram obrigados a adoptar os modelos de desenvolvimento dos países mais industrializados do mundo, o que não é muito favorável em termos de adaptação para estes países saídos de uma economia tradicional, isto é, uma economia de subsistência e sistemas políticos retrógrados. São sistemas retrógrados porque a sociedade ainda é tribalizada onde uma simples regra moral pode manter a coesão social.

Manuel José Lopes da Silva em *Temas Filosóficos da Comunicação* mostra-se mais defensor da interacção entre o modernismo e a tradição, uma posição conciliatória em que reconhece o processo de mutação social, mas a mudança não pode realizar-se sacrificando a identidade cultural do povo, contudo admite a mudança mas com segurança. (Da Silva, 1990: 99) Assim o argumento leva-nos a concluir que a função da Comunicação Didáctica seria de facultar o diálogo entre a nova ordem mundial e as tradições nos países em desenvolvimento.

Segundo professor Raymond Barre, da Universidade de Paris, reforça a mesma ideia de que os modelos de desenvolvimento extrapolados dos países desenvolvidos são pouco contextualizáveis nos países em desenvolvimento. O professor na sua obra *Economie Politique*, particularmente, na abordagem sobre a economia política dos países "Sub-desenvolvidos", termo desusado e criticável. Ele no seu conceito da economia mundial é um mau profeta, pois assim argumenta que "as disparidades de ritmos de desenvolvimento entre os diversos países do mundo criou desigualdades (...) situação que poderá perpetuar durante vários anos ..."

Numa dada passagem, o autor propõe uma política de promoção de desenvolvimento através de investimentos estrangeiros e forte cooperação

entre os países pobres e ricos, ruptura com a economia do tipo tradicional e promoção os investimentos estrangeiros, relações económicas internacionais, troca de produtos e capitais, no sentido de favorecer o progresso dos países subdesenvolvidos. A mesma ideia é reforçada por (Robson, 1985: 231-232), que defende ferreamente a liberalização total do comércio nos países em desenvolvimento, uma liberalização racional dos produtos através da criação de zonas de comércio livre.

160

Mais adiante o professor Barre aponta na sua obra as forças motrizes que estimulam o desenvolvimento ou a tendência de crescimento das sociedades: dinamismos demográficos, inovação e dinamismos de grupos sociais;

Com o termo dinamismo demográfico o autor quer induzir a ideia do aumento da população como um grande contributo para o aumento da produtividade: primeiro, o dinamismo demográfico incita à população a aumentar a produtividade devido às demandas da procura dos bens de consumo, o que possibilita a organização mais eficaz da produção. Na mesma linha do pensamento, a questão demográfica também é defendida por autor da obra *Economia do desenvolvimento*, Evereit E. Hagem numa das suas passagens diz que "...o acréscimo da mão-de-obra elevará a sua produtividade média" (Hagem, 1971: 320).

Ambos os autores contrariam a teoria de Malthusi em *Ensaio Sobre o Princípio da População* que defendia o controle de natalidade para que haja um equilíbrio entre a população e os alimentos, uma teoria extemporâneo e improvável. O certo é que os autores acima citado deixam-nos uma lição sobre o desenvolvimento económico e social: que a questão da explosão demográfica não constitui nenhum problema para a economia de um país, pois é, pelo contrário, uma fonte de riqueza mesmo nos países em via do desenvolvimento onde a taxa de natalidade é elevada e, o capital humano é uma fonte do aumento da produtividade desde que seja aproveitado racionalmente.

Quando Barre comenta do dinamismo de dominação, quer fazer entender a influência de uma unidade económica potente sobre a outra fraca. Trata-se de uma influência unilateral, uma influência que permite a participação dos fracos na actividade económica global (Barre, 1955: 111-126).

Analisando as ideias aqui explanadas pode-se dar importância e peso ao argumento do professor Barre, pois num mundo em processo de globalização as nações mais atrasadas devem sair da letargia tradicional e tautológica e entrarem na engrenagem do desenvolvimento, mas em contrapartida coloca-se a questão da contextualização dos padrões de desenvolvimento numa sociedade sem meios, sem um nível de

alfabetização suficiente para entender as novas regras de concorrência. Acho e entendo que a única solução da contextualização dos padrões do desenvolvimento é a aplicação de uma transição paulatina. Com este dinamismo ainda receio que os países pobre possam ser relegados ao plano de extemporaneidade e reduzidos a um simples mercado de consumo e mão-de-obra barata.

A Comunicação Didáctica funciona, muitas vezes, na trela dos planos de desenvolvimento traçados pelos governos, mas para que estes planos sejam efectivamente executáveis deve haver uma ligação intrínseca entre o binómio urbanização - alfabetização. Também os autores do livro de base para este trabalho comungam a mesma ideia, pois eles dão as seguintes hipóteses para que haja um desenvolvimento:

- somente após um país atingir 10% de urbanização é que a sua taxa de alfabetização começa a crescer;
- a urbanização e alfabetização crescem juntos numa relação directa.
- Uma vez as sociedades estejam 25% urbanizadas há probabilidade de haver a taxa mais alta de consumo dos meios de comunicação.

Realmente estamos diante de uma hipótese, segundo os autores, que é válida para uma comunidade de 50.000 pessoas. (AA.VV, 1973: 79).

Segundo o artigo publicado por Celestino Vaz no jornal *Notícias*, em Maputo, defende a necessidade de criar as forças internas de desenvolvimento, sobretudo a vontade política, pois a velocidade para o terceiro milénio é maior nos países industrializados, razão que pode deixar muitos países em via do desenvolvimento separados do primeiro mundo numa distância de Cem milhões de anos-luz, senão mesmo num estado de pedra lascada.

Por exemplo em Africa continuam a perpetuar os agentes internos do subdesenvolvimento como: as guerras étnicas, corrupção generalizada, falta de blocos económicos em várias regiões da Africa, fraca racionalização dos recursos existentes e instalação de regimes militares nos poderes. Para tal, das muitas vias de desenvolvimento, primeiro, a Africa deve criar blocos de comércio para harmonizar os preços dos produtos e evitar que os preços sejam determinados por compradores, segundo deve-se criar uma política de incentivo ao desenvolvimento agrícola. (Celestino Vaz; *Notícias*, 2/05/1996, Maputo).

CONCLUSÃO

O mundialização da economia, da política e da tecnologia, objectivos que a Comunicação Didáctica pretende atingir nos países em desenvolvimento, este conceito poderá reduzir-se a um vazio se não houver uma política sólida de cooperação entre os países ricos e pobres.

162

Uma Comunicação Didáctica só terá sentido para o desenvolvimento se houver os meios suficientes para o tal desenvolvimento, pois não justifica suficientemente invocar a unidade nacional ou criar fortes meios de mobilização da massa, enquanto não se adoptar uma educação contextualizada no tempo e tendo em conta as demandas do mercado.

A Comunicação Didáctica muitas vezes se mistura com a comunicação política ou de marketing, visto que todas as comunicações usam os meios normais da comunicação social, mas elas se diferem uma das outras quanto ao seu conteúdo programático. Excepcionalmente, a Comunicação Didáctica visa a consciencialização da população com vista a obter uma mentalidade evolucionista e globalizada.

Mentalidade esta rebuscada dos países já desenvolvidos e contextualizada nos países em desenvolvimento, mas estes modelos muitas vezes podem não mostrar a sua eficiência prática por duas razões: primeiro, quando não se tomar em consideração o desenvolvimento da componente educacional, segundo quando há falta de recursos de sustentabilidade da nova tecnologia transmitida, logo podemos deduzir que os países em desenvolvimento estão condenados voluntariamente a serem dependentes dos mais desenvolvidos e qualquer oscilação da economia ou qualquer crise dos países ricos, os países dependentes sentirão as réplicas destes efeitos oscilantes como nos ilustrou o caso da desvalorização do Franco francês que teve efeito sobre os países africanos dependentes desta moeda assim como a oscilação das bolsas de valores.

Assim vejo-me na situação de afirmar que nos países em desenvolvimento, a Comunicação Didáctica pode reduzir-se apenas a um instrumento de actualização dos cidadãos sobre o desenvolvimento que ocorre nos países em desenvolvimento ou meio da consciencialização sobre dos Direitos Fundamentais do Homem, do conceito da democracia e da educação sanitária, enquanto os países mais ricos do mundo não mudarem as suas políticas de ajuda ao desenvolvimento aos países pobres.

Sobretudo, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, devem reformular as suas políticas de reabilitação económica em países em desenvolvimento. Os factos revelam que os níveis de desenvolvimentos económicos nestes países nunca chegam a reflectir sobre o

desenvolvimento social. Não basta acumular as infra-estruturas e o capital e sub-valorizar o capital humano, que é a força geradora das riquezas.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV.**, *Comunicação e Mudança nos Países em Desenvolvimento*, Ed. Universidade S. Paulo, 1973, S. Paulo.
- AA.VV.**, *Manipulação dos Espíritos*, Ed. Assírio e Alvim, 1982, Lisboa.
- BALL, Raymond**, *Pedagogia da Comunicação*, Ed. Mirandela e Companhia, 1973, Lisboa
- BERLO, David**, *O Processo de Comunicação*, Ed. Martins Fontes, 7ª edição brasileira, 1991, S. Paulo.
- BARRE, Raymond**, *Économie Politique*, Ed. Presse Universitaire de France, 1955, Paris.
- DA SILVA, Manuel José Lopes**, *Temas Filosóficos da Comunicação*, 2ª edição, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1990.
- EFÍMOV N.** *História Moderna*, Ed. Centro do Livro Brasileiro, S/ano, Porto.
- E. HAGEN, Everet**, *Economia do Desenvolvimento*, Ed. Atlas S.A, 1971, S.Paulo.
- FERNANDEZ, Isacio Pérez**, *Brevíssima Relação da Destruição de Africa*. Ed. Antígona, 1996, Lisboa.
- GUERRA, João Paulo**, *Descolonização Portuguesa*, Ed. Dom Quixote, 1996, Lisboa.
- MACLUHAN, Marshall**, *Os Meios da Comunicação Como Extensão do Homem*, Ed. Cultrix, 1995, S. Paulo.
- RAMÓN, Reig**, *Sobre Comunicación Como Dominio Seis Paradigmas*, Ed. Fundamentos, 1992, Madrid.
- ROBSON, Peter**, *Teoria Económica da Integração Internacional*, Ed. Coimbra Editora, 1985, Coimbra.
- RODRIGUES, Adriano Duarte**, *Comunicação e Cultura*, Ed. Presença, 1994, Lisboa.
- ROGEIRO, Nuno**, *Constituição dos EUA*, Ed. Gradiva, 1993, Lisboa.
- VAZ, Celestino**, jornal *Notícias*, 02/05/1992, pag.5, Maputo
- VEIGA, João Conde**, *Introdução aos Estudos da Comunicação Social*, Ed. Fundação Fernando Pessoa, 1992, Porto.